

## RESUMO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helouise Costa

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – USP

### O retrato do curador: uma história em quatro tempos

Do ponto de vista histórico a figura do curador surge com as grandes coleções reais e principescas do Renascimento. Tornara-se uma necessidade para os monarcas que se dedicavam ao colecionismo ter alguém encarregado de cuidar de suas coleções e quase sempre designava-se um artista para isso. Um artista que exerceu essa função David Teniers, contratado pelo Arqueduke Leopoldo Wilhelm no século XVII. Além de exercer o papel de pintor da corte, ele era responsável por uma série de atividades, tais como: controle, registro, conservação e distribuição das obras nos espaços do palácio, além das aquisições. São bastante conhecidas as pinturas em que Teniers representa os aposentos do palácio do Arqueduke com as paredes inteiramente cobertas de obras. Esse “modo de pendurar” caracterizou os gabinetes de pintura do Renascimento e se manteria hegemônico até o final do século XIX.

O surgimento dos museus públicos no final do século XVIII faria com que a figura do curador deixasse a esfera privada e passasse a exercer uma atividade institucional no âmbito do Estado. Ao longo do século XIX o trabalho do curador se tornaria cada vez mais especializado a partir da adoção de métodos e critérios para o exercício da profissão, em um processo muito semelhante ao ocorrido em outras áreas. Do ponto de vista técnico as atribuições do curador de museu permaneceram basicamente as mesmas do curador das coleções reais, as diferenças ficavam por conta do seu novo papel diante da missão educativa do museu voltada para um público amplo. A coleção deixava de ser objeto de deleite privado e passava a ser entendida como objeto de conhecimento, o que acarretou um novo modo de pendurar as obras, cuja tendência foi a racionalização por meio da linearidade e da ritmação dos espaços deixados entre elas.

A proposta dessa comunicação é traçar um perfil das atribuições do curador em quatro diferentes momentos históricos, de modo a estabelecer parâmetros de comparação capazes de permitir uma reflexão sobre as transformações sofridas por esta atividade numa temporalidade alargada, abarcando do final do século XVII a segunda metade do XX. Para tanto serão escolhidos mais três estudos de caso: o de um curador ligado aos primeiros museus públicos, o de um curador moderno e o de um curador contemporâneo. Por meio desses exemplos pretende-se refletir sobre as características e contradições dos sistemas de arte de cada época, sobre a institucionalização da arte, bem como sobre as concepções de história da arte que subjazem a esses modelos expositivos.